

Pecuária

Internacionalização da carne bovina

A DEMANDA da União Européia por carne bovina tende a aumentar nos próximos anos. Com a reforma política integrada do bloco de 2003, de redução dos subsídios, os criadores europeus reduziram a produção. Existem ainda problemas de baixa disponibilidade de terras e escassez de ração

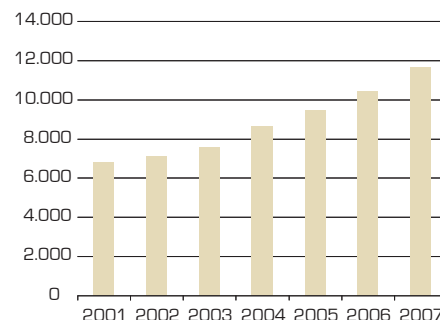
Hoje, o Brasil representa dois terços de todas as compras de carnes do bloco, mas deve avançar ainda mais. Em 2006, o negócio movimentou US\$ 1,5 bilhão e representou 38,5% da carne exportada pelo Brasil. Há anos a UE compra carne brasileira acima da cota estabelecida, de apenas cinco mil quilos, mas aplica ta-

rifas de 76,9% a 148,3% sobre o volume excedente.

Um dos pontos críticos está na questão sanitária. Em março, missão do Departamento de Alimentação e Veterinária da UE (FVO, na sigla em inglês) detectou deficiências no sistema de controle de qualidade da carne exportada brasileira. Foram feitas algumas exigências de providências ao governo brasileiro. Agora, em novembro último, uma nova missão veio visitar fazendas, abatedouros e centros de certificação, de modo a inspecionar toda a cadeia produtiva.

O item mais complicado diz respeito ao sistema de rastreamento, de modo a

Brasil: exportação de carne bovina (mil toneladas)



Fonte: MAPA. Projeção para 2007.

assegurar que a carne enviada à Europa é proveniente de gado criado em zonas livres de febre aftosa, e não em áreas banidas, como Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Bruxelas coloca como meta o rastreamento de 40 milhões de cabeças de gado mas, até meados de outubro, apenas 10 milhões eram submetidas ao controle.

Novos tempos

Com os embarques crescentes e os preços favoráveis no mercado internacional, os frigoríficos viveram um período de “vacas gordas”, desde 2004 até a entressafra deste ano, quando veio a alta no preço da arroba do boi. Houve um intenso abate de fêmeas, de modo a reduzir a oferta de bovino no presente. Essa virada de ciclo deve persistir por dois a três anos. É o tempo para o nascimento e desenvolvimento do bezerro, com intenso ganho de produtividade e redução da idade média dos animais para engorda via confinamento. A reação dos preços foi violenta e alcança o maior valor a partir do Plano Real.

Na história mais recente da pecuária de corte, com a consolidação de grandes frigoríficos, vem à baila a questão da cartelização do setor. O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) condenou as empresas Mataboi, Bertin, Franco Fabril e Minerva a pagar uma multa equivalente a 5% do faturamento bruto do exercício de 2004. O motivo é a combinação, em janeiro de 2006, dos valores de desconto para a compra de bovinos. Por falta de prova ficaram fora os frigoríficos Boicharque, Friboi, Estrela d'Oeste, Boifra, Tatubi e Independência. Novos capítulos virão. ■

COTA HILTON

Negociada nos anos 80 na Rodada Uruguai do Gatt, é uma compensação da União Européia a alguns países com histórico de venda à região, entre eles Argentina, Brasil e Uruguai. Por esse sistema, os exportadores podem vender cortes nobres no mercado europeu, livres de barreiras, por um preço que varia de US\$ 10 mil a 13 mil a tonelada, o dobro do que se paga pela carne fora da cota. Atualmente, apenas 5 mil toneladas de carne bovina brasileira podem ser comercializadas com a UE a tarifas mais baixas. Para a Argentina, o volume, de 28 mil toneladas, é o maior percentual da cota, de 58,1 mil toneladas. A carne vendida para a UE pode ter uma taxa de até 174%. Na cota, a tarifa é de 20% sobre o valor. Mas, os frigoríficos brasileiros avançam cada vez mais no mercado argentino de

carne bovina. Junto com outros gigantes estrangeiros do setor, como Cargill e Tyson Foods, são donos de quase metade das exportações e de 40% da cobiçada Cota Hilton dos argentinos, segundo o Consórcio de Exportadores de Carnes da Argentina. A aquisição dos frigoríficos no país deu aos brasileiros e americanos acesso a pouco mais de 10 mil toneladas da Cota Hilton da Argentina. Segundo o Consórcio de Exportadores, estes são os cinco maiores frigoríficos da Argentina, com quase a metade das exportações de carne: Swift Armour, que pertence ao brasileiro Friboi, o Finexcor (Cargill), Carnes Pampeanas (Tyson Food), o AB&P e o Quickfood. Até julho deste ano, a Argentina exportou 237,5 mil toneladas de carne, com uma receita de US\$ 705 milhões.